



As eleições entre o bem e o mal: uma análise comparada entre os discursos da Igreja Universal e de Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública no pleito de 2018

The elections between good and evil: a comparative analysis of the Universal church and Jair Bolsonaro's discourses in the 2018 presidential elections

Tiago Franco de Paula¹

Resumo: O presente artigo tem como principal objetivo apresentar uma análise comparada entre os discursos disseminados pela Igreja Universal do Reino de Deus e por Jair Bolsonaro sobre o tópico da moralidade pública durante as eleições de 2018. Para isso, conduziu-se uma análise qualitativa de reportagens publicadas na Folha Universal e no site oficial das IURD; e de postagens feitas por Bolsonaro em sua página oficial na rede social Facebook durante o período de campanha das eleições de 2018. O marco-teórico para a análise foi a teoria dos pacotes interpretativos de William Gamson. O corpus formado foi estudado por meio do software MaxQDA. Os resultados alcançados mostraram que ambos atores compartilharam o pacote interpretativo denominado na pesquisa como moralismo regulador. Todavia, o discurso de Bolsonaro apresentou uma base argumentativa política, enquanto o da IURD apresentou uma base argumentativa religiosa.

Palavras-Chaves: Igreja Universal do Reino de Deus; Jair Bolsonaro; Moralidade Pública; Conservadorismo; Eleições.

Abstract: The present essay aims at presenting a comparative analysis between The Universal Church of the Kingdom of God and Jair Bolsonaro's discourses regarding public morality in Brazil during the 2018 presidential elections. I conducted qualitative analysis of articles published on the newspaper Folha Universal and on the church's official website as well as of Facebook post publishes in Bolsonaro's official page between August 16 and October 2018. The analysis was based on the Interpretative Packages theory proposed by William Gamson and conducted using the software MaxQDA. The results showed that the UCKG and Bolsonaro worked to disseminate the interpretative package of regulatory morality. However, while the first one use a religious argumentative line, the second one adopted a political argumentation to the problem.

Keywords: The Universal Church of the Kingdom of God; Jair Bolsonaro; Public Morality; Conservatism; Elections.

¹Doutorando em Sociologia pela Boston College. Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília. Graduado em Sociologia e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. E-mail para contato: tiagofraancopp@gmail.com ou francodt@bc.edu



Introdução

As questões de moralidade sempre foram um dos principais focos da ação política de igrejas evangélicas (MARIANO, 1999). Desde seus primeiros momentos como atores políticos durante o período de redemocratização na década de 80, grupos evangélicos combateram o avanço de pautas progressistas que são vistas como opostas à moral cristã. (FREESTON, 1993); (MARIANO, 1999). O caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) não é diferente. Embora a igreja tenha demonstrado ao longo das últimas décadas que seus interesses corporativos são centrais em suas decisões políticas, ela jamais abandonou as pautas morais e o projeto de cristianização da sociedade. Nesse sentido, sua ação política é pautada tanto por um pragmatismo que visa sempre a obtenção de dividendos políticos e sociais; quanto pela defesa dos valores cristãos e pela disputa da moralidade pública (NASCIMENTO, 2019).

O moralismo cristão das igrejas evangélicas brasileiras encontrou respaldo na ascensão dos movimentos de direita no Brasil após 2013. Durante a década de 2010, o Brasil viu a euforia dos mandatos Lula ser substituída por uma forte descrença em relação às instituições democráticas. O otimismo do primeiro governo Dilma foi abalado por um conjunto inesperado de manifestações de rua que destruíram a popularidade da petista (BRINGEL; PLEYERS, 2019). Derivou disso uma polarização política que culminou na eleição mais acirrada da história democrática do Brasil e em uma direita derrotada que se recusou a aceitar o resultado das urnas em 2014 (DIAS, 2019). Dois anos depois, tal direita chegou ao poder por vias não eleitorais (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019). Todos esses acontecimentos tiveram como um de seus fatores centrais um fenômeno comunicacional que se consolidou no século XXI: as mídias sociais. Em face desse contexto, ascendeu no Brasil um discurso conservador radical pautado pela moral cristã que gerou a disseminação de pânico morais em torno de discussões caras à esquerda progressista, como as questões de gênero e identidade. A mobilização desses pânico morais pelos agentes conservadores contribuiu para tornar a moralidade pública um aspecto central da agenda política do país. Na campanha eleitoral de 2018, a onda conservadora (ALMEIDA, 2019b) que se construiu ao longo dos anos anteriores foi personificada pela figura de Jair Bolsonaro.



Como aponta Lacerda (2019), as pautas morais não fizeram parte da agenda política de Bolsonaro nos seus primeiros mandatos como deputado federal. Não obstante, o capitão da reserva foi o primeiro político a se colocar contra o projeto Escola sem Homofobia ainda em 2010² (ROMANCINI, 2018). A partir desse momento, as questões de moralidade foram incorporadas em seu discurso. Por meio dessas pautas, Bolsonaro costurou alianças com as alas conservadoras do Congresso Nacional, especialmente com os políticos evangélicos (LACERDA, 2019). Tal aliança foi constantemente alimentada pelo político militar ao longo da última década. Apesar de Católico, Bolsonaro fez diversos acenos à comunidade evangélica a fim de ganhar popularidade nesse meio religioso. Criou para si a imagem de homem de fé, defensor da família e da tradição cristã; e mobilizou constantemente a imagem de deus com fins políticos (REINA, 2019), fato explícito em seu slogan de campanha: “*Deus acima de tudo, Brasil acima de todos*”. Os acenos do então candidato ao grupo religioso foram reafirmados por grandes lideranças protestantes do país. Em 2018, diversas lideranças evangélicas contribuíram desde o início na campanha por votos do capitão reformado. Entretanto, esse não foi o caso de Edir Macedo. O bispo da Universal se limitou a declarar, em breve postagem na rede social Facebook, que sua escolha para presidente naquele ano seria Bolsonaro. Embora Bolsonaro tenha se apresentado enquanto o principal representante do conservadorismo pautado pela moral cristã, a Universal e o PRB haviam declarado apoio ao tucano Geraldo Alckmin no primeiro turno da disputa (NASCIMENTO, 2019). O anúncio de Macedo de que seu voto seria em Bolsonaro ocorreu apenas dias antes do primeiro turno de votações, momento em que a candidatura de Alckmin já havia desidratado e as pesquisas apontavam para um segundo turno entre o então candidato do PSL e o petista Fernando Haddad.

² Promovido pelo Ministério da Educação (MEC), cujo chefe era o petista Fernando Haddad, o projeto Escola sem Homofobia propôs a produção e distribuição de material educativo contra o bullying homofóbico nas escolas públicas para alunos do ensino médio e dos dois últimos anos do ensino fundamental (ROMANCINI, 2018). No dia 30 do mesmo mês, o então deputado Jair Bolsonaro realizou um discurso no plenário da Câmara dos Deputados acusando o projeto de promover o “homossexualismo” e a pedofilia. A partir disso, a oposição ao projeto se espalhou rapidamente entre os grupos mais conservadores do congresso e sua implementação nas escolas se tornou uma das principais pautas no ano de 2011. O enunciado falso de que o projeto incentivaria a homossexualidade nas escolas levou seus opositores a apelidarem a ação do MEC de “Kit Gay”

Contudo, a timidez de Macedo ao discutir o pleito não foi seguida pelas mídias da Igreja Universal. A Record, por ser uma grande emissora, realizou uma grande cobertura jornalística da disputa. Todavia, o canal televisivo não foi o principal meio de disseminação dos posicionamentos políticos da IURD³. O papel de “porta-voz” da instituição foi concebido a dois meios de comunicação próprios da igreja: o jornal Folha Universal e o site oficial da Universal. Esses dois veículos constituem o que é denominado por Francisco Sant’anna (2005; 2008) de mídias das fontes⁴; e fazem parte de um tipo específico de jornalismo: o jornalismo religioso. Diferentemente da Rede Record, são custeados em sua totalidade pela igreja, portanto não são perpassados por relações comerciais que podem restringir os conteúdos publicados. Dessa forma, durante o pleito de 2018, tanto a Folha Universal quanto o site oficial da IURD foram utilizados como meios de disseminação das visões da igreja sobre a disputa eleitoral e sobre quais eram os principais problemas enfrentados pelo país no momento da eleição (PAULA, 2021). A Folha Universal produziu edições especiais cujo foco era a cobertura do pleito. Igualmente, o site oficial foi utilizado para a publicação de reportagens e artigos que discutiam as eleições e os desejos da instituição para a política brasileira (PAULA, 2021). Dessa forma, mesmo antes de Edir Macedo se posicionar abertamente em prol da campanha de Jair Bolsonaro, a instituição religiosa já estava divulgando continuamente suas visões e discursos políticos (PAULA, 2021).

Em face disso, a presente pesquisa visou analisar de que modo o discurso político disseminado pela IURD ao longo da campanha se aproximou ou divergiu das propostas e narrativas defendidas por Bolsonaro sobre um tópico específico: a moralidade pública. O combate aos ideais progressistas e a defesa de uma moral cristã foi um dos fatores que uniu

³ Por ser uma emissora que precisa manter contratos publicitários e um índice de audiência alto, a Record não pôde ser instrumentalizada em sua totalidade em prol dos interesses da igreja (ROTHBERG; DIAS, 2012).

⁴ Também denominadas de mídias corporativas, as mídias das fontes são “mídias produzidas e gerenciadas por atores sociais que, no Brasil, são tradicionalmente percebidos como fontes de informação” (SANT’ANNA, 2008, p. 21). Isto é, são mídias mantidas por instituições sociais e políticas que antes eram apenas alvo do jornalismo dos grandes grupos midiáticos e que, por esse motivo, não conseguiam se comunicar diretamente com uma quantidade ampla de indivíduos. Foram criadas com o objetivo de visibilizar as reivindicações e os pacotes interpretativos desses grupos de interesse para interferir na opinião pública por meio do agendamento midiático e da comunicação direta com o coletivo (SANT’ANNA, 2005; 2008).



grupos evangélicos em torno da candidatura de Jair Bolsonaro. Apesar de a Universal não ter apoiado inicialmente a campanha do então candidato do PSL, tais pontos sempre estiveram presentes nas pautas políticas da igreja (MARIANO, 1999). Diante disso, o artigo irá analisar o discurso publicizado pela Universal ao longo da campanha eleitoral de 2018 no que diz respeito à moralidade pública e confrontá-lo com os discursos e propostas de Jair Bolsonaro no intuito de compreender as aproximações, divergências e possíveis arranjos conciliatórios entre as narrativas desses atores. Tal análise tem como base as reportagens, matérias e artigos publicados pela Folha Universal e pelo site oficial da instituição religiosa entre os dias 16 de agosto e 28 de outubro de 2018, intervalo correspondente ao período de campanha. A fim de conduzir uma análise comparativa, foram coletadas e analisadas as postagens feitas por Jair Bolsonaro em sua página oficial da plataforma digital Facebook durante o mesmo período. O artigo está dividido em mais três seções: a seguir, é feita uma breve exposição sobre os procedimentos metodológicos que pautaram a análise; posteriormente, serão apresentados os resultados encontrados somados à discussão dos principais tópicos; por fim, segue-se para uma seção de considerações finais sobre os temas debatidos.

1. Procedimentos metodológicos

O marco teórico adotado para a condução da análise foi a teoria dos pacotes interpretativos de William Gamson (1981); (1989). A teoria dos pacotes interpretativos está inserida no paradigma do enquadramento nos estudos comunicacionais e propõe uma metodologia de estudo que permite a avaliação de narrativas por meio da análise de dispositivos linguísticos denominados como dispositivos de assinatura. O conceito de enquadramento, quando empregado dentro dos estudos comunicacionais, faz referência ao modo como um meio comunicacional constrói uma narrativa em torno de um fato que busca relatar. Com base na noção de enquadramento, Gamson propõe a ideia de cultura do problema. A cultura de um problema representa um conjunto de ideias e conceitos existentes na esfera pública sobre um determinado fato público (GAMSON; LASCH, 1981). Tais conceitos são agrupados com outras ideias a fim de formar uma narrativa

harmoniosa que explique adequadamente todos os aspectos da questão. Essas narrativas são denominadas por Gamson (1981); (1989) como pacotes interpretativos. Dessa forma, a cultura de um problema corresponde ao grupo de pacotes interpretativos lançados na esfera pública por agentes sociais a fim de apresentar uma interpretação sobre um determinado problema social. Esses pacotes estão em constante disputa pela posição de narrativa hegemônica sobre problema a que fazem referência.

De acordo com Gamson (1981;1989), os pacotes interpretativos são constituídos por três elementos: o enquadramento, a justificativa e os dispositivos de assinatura. O primeiro corresponde à ideia central defendida pelo pacote. O segundo representa as soluções propostas para o problema público e as conexões causais estabelecidas na narrativa (GAMSON, LASCH, 1981); (GAMSON; MIDIGLIANI, 1989). Por fim, a assinatura representa dispositivos textuais empregados na composição do discurso que evidenciam o enquadramento e a justificativa de um determinado pacote. Esses dispositivos funcionam como símbolos condensados das principais ideias e soluções defendidas pela narrativa. Existem dois tipos de dispositivos de assinatura: os dispositivos de enquadramento e os dispositivos de justificativa (GAMSON; LASCH, 1981). Os primeiros são formados por elementos do texto capazes de evidenciar o enquadramento. Gamson e Lasch (1981) apontam cinco dispositivos textuais dentro dessa categoria: metáforas, exemplos, bordões, representações e imagens. O segundo tipo de dispositivo representa os elementos textuais capazes de evidenciar o posicionamento do pacote. Três são os dispositivos inseridos nessa categoria (1983): as causas, as consequências e os apelos a princípios. Todos esses dispositivos textuais podem ser elencados em uma matriz de assinatura, que é uma tabela que apresenta os pacotes interpretativos e seus respectivos dispositivos de enquadramento e de justificativa.

Com base no exposto, a pesquisa focou em construir e comparar as matrizes de assinatura dos pacotes interpretativos disseminados pela Igreja Universal e por Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública no Brasil durante a campanha eleitoral de 2018. O processo de investigação foi composto por três etapas. A primeira foram os processos de coleta de dados e formação do corpus. As edições analisadas da Folha Universal foram

obtidas online por meio da plataforma Calaméo⁵. As matérias e reportagens retiradas do site, por sua vez, foram coletadas por meio de pesquisa direta na plataforma e selecionadas por meio de leituras prévias. Por fim, as publicações da página oficial de Bolsonaro no Facebook foram coletadas por meio do software Facepager. No período de campanha, foram feitas 468 publicações na página do capitão do Exército. Para a presente pesquisa, foram analisadas somente as publicações que focaram na disseminação das ideias políticas do então candidato, o que correspondeu a 180 publicações.

Após a formação do corpus, seguiu-se para a exploração dos dados coletados. A técnica de pesquisa utilizada na investigação foi a Análise de Conteúdo, a qual foi conduzida por meio do software de métodos mistos MaxQDA. A base para a aplicação de tal técnica foi o processo de categorização. O estudo do corpus permitiu a identificação dos dispositivos de enquadramento e de justificativa. Esses dispositivos foram considerados como categorias discursivas que englobam diferentes ideais presentes no texto (BARDIN, 1979). Em face disso, conduziu-se um processo de codificação. Após a codificação, seguiu-se para a elaboração das matrizes de assinatura, por meio das quais foi possível analisar os discursos propagados pelos textos que formaram o corpus.

2. Resultados

A análise qualitativa das publicações feitas pela Igreja Universal ao longo da campanha mostrou que a instituição mobilizou uma forte narrativa moral ao redor do pleito presidencial de 2018. A moralidade pública foi o segundo tema mais abordado pelas mídias da igreja durante o período analisado. A frequência de menções aos problemas morais foi significativamente maior que as citações às questões econômicas e de segurança pública, temas tradicionalmente determinantes em disputas para cargos do executivo. Essa diferença significativa é justificada tanto pelo fato de a disputa pela moralidade pública no Brasil estar historicamente associada com a ação política de agentes religiosos quanto pelo fato de as questões morais estarem em um lugar de destaque na agenda pública nacional no momento do pleito devido à reação conservadora que ocorreu ao longo da década. Já nas

⁵ Cf.: <https://pt.calameo.com/>.

publicações de Bolsonaro, o tema da moralidade apareceu de forma moderada. Entre as 180 publicações analisadas, apenas 26 tiveram as questões morais como tópico central. Apesar do número relativamente baixo, tal tópico foi o terceiro mais abordado pelo então candidato do PSL, sendo o primeiro a crise política e o segundo a segurança pública.

Tabela 1: Matrizes de assinatura dos pacotes interpretativos da IURD e de Bolsonaro sobre a moralidade pública.

| | IURD | Jair Bolsonaro |
|-----------|--|--|
| Metáforas | <ul style="list-style-type: none">● Agenda do diabo;● O dia da eleição será o dia das crianças;● Ditadura da ideologia de gênero;● O povo cristão sente as mentiras da esquerda;● Haddad e a esquerda realizam atentados à fé cristã;● Autoridade de Satanás no governo;● Destruir as ideias de Satanás;● Político do mal e político do bem;● Voto contra a fé | <ul style="list-style-type: none">● Rumos catastróficos da educação brasileira;● Resgate da moral;● Bombardeamento da família. |
| Bordões | <ul style="list-style-type: none">● Ideologia de gênero;● Proteger a família;● É necessário avaliar os valores dos candidatos;● O bem precisa estar presente nas instituições públicas;● Ideologias diabólicas. | <ul style="list-style-type: none">● Haddad é o pai do kit-gay;● Deus no comando;● Inversão de valores;● Defesa da família;● Destruição dos valores;● Defendemos a inocência das crianças. |



| | | |
|----------------|--|---|
| Representações | <ul style="list-style-type: none">● Político do bem;● Ideologias de esquerda são ideologias diabólicas;● Família tradicional atacada;● A crianças são imaturas para discutir gênero;● Esquerda anticristã;● Esquerda contrária à família;● A população brasileira deseja proteger a moral e a família;● Bolsonaro representa a moral e os valores cristãos.● Bolsonaro é a melhor escolha;● Haddad anticristão;● Evangélicos contra Haddad;● Educação brasileira é difusora de ideologia de gênero. | <ul style="list-style-type: none">● Esquerda enquanto uma ameaça aos valores tradicionais;● Família tradicional sob ataque;● Educação doutrinadora;● Bolsonaro enquanto um defensor da inocência das crianças;● Bolsonaro enquanto um homem cristão;● Haddad contrário à religião e hipócrita. |
| Exemplos | <ul style="list-style-type: none">● Exemplos de disseminação de ideologia de gênero;● Exemplos de casos em outros países em que a ideologia de gênero gerou consequências ruins;● Exemplos de leis que querem difundir a ideologia de gênero;● Exemplos de passagens bíblicas que contradizem os ideais da ideologia de gênero;● Exemplos de falas anticristãs de Haddad. | <ul style="list-style-type: none">● Exemplos de propostas que defendem os valores da família (contra o aborto; contra a doutrinação nas escolas, etc);● Exemplo de livros que ensinam sexo para crianças;● Exemplos de apoio estatal à ativistas LGBT. |
| Causas | <ul style="list-style-type: none">● Ausências de políticos cristãos nas instituições públicas;● Corrupção que degrada os valores sociais;● Ação de Satanás na terra;● Educação doutrinadora;● Inversão de valores na sociedade;● Ação da esquerda;● Politicamente correto. | <ul style="list-style-type: none">● Governo e instituições estatais ideológicas;● Ação de grupos de esquerda na sociedade;● Politicamente correto;● Inversão de valores;● Baixo investimento em educação;● Educação doutrinadora;● Ausência de disciplina na sociedade. |



| | | |
|---------------------|--|--|
| Consequências | <ul style="list-style-type: none">● Destruição dos valores tradicionais;● Crianças confusas quanto à própria identidade;● Futuro das crianças em risco;● Sexualização de crianças;● Censura;● Disseminação de ideologias satânicas. | <ul style="list-style-type: none">● Ataques à família tradicional;● Formação de militantes de esquerda nas escolas;● Sexualização de crianças;● Enfraquecimento dos valores tradicionais;● Péssima formação de estudantes;● Perda de autoridade das figuras tradicionalmente em posição de poder. |
| Apelos a princípios | <ul style="list-style-type: none">● Valores da família;● Verdade científica;● Cristianismo;● Bem contra o mal. | <ul style="list-style-type: none">● Igualdade;● Cristianismo;● Bem contra o mal;● Verdade;● Valores da família. |

O quadro 1 apresenta diferenças relevantes entre o pacote interpretativo defendido pela Universal em relação ao tema da moralidade pública e aquele expresso nos discursos de Jair Bolsonaro. Todavia, as narrativas defendidas pelo então candidato e pela igreja também apresentaram convergências relevantes. Tanto o discurso de Bolsonaro quanto o da IURD partiram do princípio de que o Brasil enfrentava uma crise moral no momento da eleição de 2018. Também compartilharam a ideia geral de que tal crise seria resultado da ação política de grupos de esquerda que têm como objetivo promover uma inversão de valores na sociedade para destruir a família tradicional e enfraquecer os valores cristãos. Nesse contexto argumentativo, ambos defenderam um pacote interpretativo similar: o do moralismo regulador. O pacote interpretativo do moralismo regulador defendido por esses atores durante a eleição tem como principais eixos o conceito de ideologia de gênero e os valores cristãos. O primeiro representa o ideal a ser combatido; já o segundo representa os valores que, de acordo com essa narrativa, devem pautar a moralidade pública a fim de combater a crise moral. Com base nesses aspectos, tal discurso invoca uma série de fatores. O primeiro deles é a defesa da família. A ideologia de gênero é descrita nesses pacotes



como uma ameaça à família patriarcal, aos seus valores e à ordem social⁶. Sobretudo, ela é mobilizada como uma ameaça ao funcionamento normal da sociedade. Para a IURD e para Bolsonaro, sua propagação representaria o enfraquecimento da família tradicional patriarcal e dos valores cristãos. Esse discurso propaga um dualismo ético entre o indivíduo conservador, cristão e pró família e o progressista imoral, ateu e contrário à família tradicional. O primeiro é associado às figuras do pai de família que é forte, honesto, chefe da casa e provedor; e da mulher que é bela, recatada e do lar. Já o segundo é relacionado à imagem do homossexual, da mulher feminista promíscua que destrói vidas através do aborto e do comunista desonesto e doutrinador. Dentro dessa perspectiva discursiva, a oposição às pautas progressistas se torna uma postura ética: é dever das pessoas boas e cristãs serem contrárias ao avanço da ideologia de gênero e dos ideais de esquerda que ameaçam a família e as crianças.

Embora observem-se aproximações entre as duas narrativas, as distinções discursivas entre a IURD e Bolsonaro no campo da moralidade pública são ainda mais relevantes do que as suas aproximações. Vejamos, a seguir, como ambos os pacotes se configuram no discurso desses dois atores sociais.

2.1 Jair Bolsonaro e a moralidade pública: um discurso com base política

Todos esses ideais de moralismo regulador tiveram um papel central na campanha de Bolsonaro. Ao longo de toda corrida eleitoral, o então candidato do PSL alimentou constantemente o pânico moral ao redor de temas como ideologia de gênero, ataque à família tradicional e sexualização de crianças. O capitão do Exército também propagou a narrativa de que estaria ocorrendo no país um “bombardeamento” da família e de seus valores. Segundo ele, tal bombardeamento era uma consequência dos governos do PT, que trabalharam para disseminar a ideologia de gênero nas escolas e influenciar estudantes a

⁶ Acusação essa que carrega um ataque à comunidade LGBTQ+, visto que reforça a heterossexualidade enquanto norma. Ademais, o termo família adotado na narrativa dessa linha de força faz referência somente às uniões entre homens e mulheres. Essa noção foi expressa pela PL6583/2013, que tramitou na Câmara dos Deputados para estabelecer um Estatuto da Família. Esse projeto tinha a intenção de estabelecer uma definição legal do conceito de família que englobasse somente uniões entre homens e mulheres. Também visava proibir a adoção de crianças por parte de casais homoafetivos.

aceitarem as ideias de esquerda. O partido e seus ideais esquerdistas, portanto, seriam os principais responsáveis pela decadência moral do Brasil. Além de corrupto, o PT foi descrito por Bolsonaro como imoral, ateu e contra a família. Para se colocar como oposição ao partido, o político de extrema direita reforçou diversas vezes em suas publicações que seu governo agiria sempre em defesa dos grupos familiares. Isso implicaria numa série de fatores, como a manutenção da ilegalidade do aborto, o combate aos grupos identitários e a proteção da “inocência das crianças”. Entre esses pontos, o último foi o mais presente nos posts realizados no período de campanha. Bolsonaro afirmou repetidas vezes em suas postagens que a educação no Brasil era ideológica e teria o objetivo de sexualizar crianças e transformá-las em militantes de esquerda. Nesse contexto, instrumentalizou a polêmica do projeto Escola Sem Homofobia e o conceito de ideologia de gênero. Afirmou que era contra esses dois fatores e que lutaria para extingui-los do sistema educacional nacional. Também espalhou notícias falsas de que o Estado, durante os governos petistas, teria financiado a produção de filmes que incentivam a homossexualidade para serem passados nas escolas públicas; e de que o MEC havia distribuído livros sobre sexo para turmas de educação infantil⁷.

Segundo o então candidato, a presença da ideologia nas escolas também teria causado uma inversão nas relações de autoridade em sala de aula e o enfraquecimento da disciplina dos estudantes. Em duas publicações, Bolsonaro se dirigiu diretamente aos professores e professoras do país para prometer que seu governo iria valorizar o trabalho docente por meio do “resgate da disciplina” nas escolas. Para isso, o capitão do Exército apresentou como principal proposta a militarização das instituições públicas de ensino. Além das escolas, a mídia também foi descrita como responsável pela disseminação de

⁷ A narrativa sobre a distribuição de um suposto livro sobre sexo para crianças nas escolas já vinha sendo mobilizada por Bolsonaro antes das eleições. Ganhou destaque no período de campanha após o então candidato tentar mostrar partes do livro em uma entrevista ao vivo no Jornal Nacional, da Rede Globo. O livro referido é intitulado “Aparelho Sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas” e foi lançado no Brasil em 2007 pela editora Companhia das Letras. Segundo Bolsonaro, a obra faria parte do “kit gay” que o governo Dilma busca distribuir nas escolas públicas. Contudo, tal afirmação é falsa. Logo após a entrevista do então deputado no Jornal Nacional, a editora responsável pela publicação lançou uma nota que constatava que o MEC nunca tinha feito nenhuma ação para comprar o livro e que a obra estava esgotada no país.

valores que atacam a família. Descritos como ideológicos e formados por uma classe artística composta por militantes de esquerda, os veículos midiáticos foram acusados por Bolsonaro de contribuir para a inversão de valores e para o estabelecimento de uma ditadura do politicamente correto.

A associação da crise moral com o PT por parte de Bolsonaro ocorreu principalmente por meio da figura de Haddad. O fato de Haddad ser o ministro do MEC no momento da polêmica do projeto Escola Sem Homofobia foi utilizado constantemente pelo candidato do PSL como forma de ataque. O termo “pai do kit-gay” foi empregado diversas vezes para fazer referência ao petista. A religião também foi instrumentalizada para atacá-lo. A associação de Haddad com os grupos de esquerda descritos como imorais permitiu que Bolsonaro o acusasse de ser uma pessoa sem religião e sem ética. Diante de visitas a templos cristãos e participações em celebrações religiosas por parte do petista, Bolsonaro o taxou de hipócrita e o acusou de participar de cultos e missas somente com fins eleitoreiros. Segundo o capitão do exército, o petista estaria “fingindo ter religião” para disfarçar o seu apoio às ideologias de esquerda que visavam destruir os valores da família. Todos esses fatores foram somados às acusações de corrupção de seu partido e de disseminação de notícias falsas por parte de sua campanha. Nas publicações, Haddad era tratado sempre de forma agressiva e representado como uma pessoa desonesta, imoral, não cristã e criminosa. O petista foi descrito como a personificação da inversão de valores que ameaçava a família e a tradição. Isso é ilustrado por uma publicação feita no dia 26 de outubro:

Haddad diz que sou responsável pela campanha mais baixa da história. Logo ele, que é orientado por um presidiário, esconde as cores do partido, finge ser religioso, joga bíblia no lixo, esconde apoio à ditadura venezuelana e espalha um monte de porcaria mentirosa ao meu respeito. Ninguém mentiu mais que o PT nesta eleição. São mestres em enganar. Mudaram o plano de governo diversas vezes após expormos seu viés totalitário. Agora dizem respeitar a família, a democracia e a justiça, mas sabemos que a missão do pai do Kit-gay é soltar o chefe da quadrilha! (BOLSONARO, 2018, p. 1)

No que tange às propostas, Bolsonaro garantiu que questões como a legalização do aborto não avançariam caso fosse eleito. Acrescentou também que ONGs ou movimentos sociais que lutam pela causa não receberiam nenhum apoio financeiro por parte do governo.



O então candidato não fez nenhuma menção direta a movimentos sociais formados por grupos minoritários, como o feminismo, movimento LGBTQI+ ou o movimento negro. Entretanto, afirmou que seu governo não faria nenhum tipo de distinção entre cidadãos. Com base no postulado de que todos são iguais perante a lei, Bolsonaro defendeu que “a melhor forma de mostrar respeito às pessoas é tratando-as de igual pra igual, valorizando-as por seu caráter e competência, não cor ou sexualidade, nem como se fossem mais frágeis e incapazes” (BOLSONARO, 2018). Em outra postagem, assegurou que em seu mandato prevaleceria uma visão “daltônica, em que todos teriam a mesma cor” (BOLSONARO, 2018). Essas afirmações demonstram como Bolsonaro mobilizou o princípio da igualdade para deslegitimar as inequidades sociais que atingem os grupos minoritários e afirmar que seu governo não incluiria nenhuma forma de diálogo com eles.

2.2 A Igreja Universal e a moralidade pública: um discurso religioso

Da mesma forma que Bolsonaro, as publicações analisadas das mídias da fonte da IURD enfatizaram que grupos progressistas agem para disseminar ideologias anticristãs e não naturais que negam os valores tradicionais e dividem a sociedade. De acordo com elas, os principais meios de disseminação desses ideais são a mídia, as escolas e a ação de políticos progressistas, que são descritos como políticos do mal. Os principais alvos, por sua vez, são as crianças e os adolescentes. Em face disso, a igreja defendeu ao longo do pleito que a comunidade cristã deveria se levantar contra tais grupos e lutar politicamente para proteger as crianças e os adolescentes da doutrinação que ameaça os valores sociais tradicionais por meio da eleição de políticos cristãos. Não obstante, a narrativa da IURD se destaca do discurso de Bolsonaro por apresentar um fator espiritual: a mobilização constante da figura do diabo como causador da crise moral. Uma das principais características teológicas da Universal é a crença na batalha espiritual, que enfatiza a imediatidade da relação entre indivíduo e entidades espirituais, assim como a capacidade desses espíritos de influenciarem a vida cotidiana (MARIANO, 1999). Dentro do Pentecostalismo, essa cosmologia deriva na certeza de que o diabo está constantemente agindo para causar o mal e difundir o sofrimento na terra (CORRÊA, 2020). Segundo a



narrativa da Universal, o avanço de ideologias que buscam destruir a família tradicional e enfraquecer os valores cristãos nada mais é do que o resultado da ação do diabo na terra. As publicações analisadas afirmam que os grupos de esquerda que promovem politicamente valores progressistas são instrumentos imaneses dessa força maligna que age para difundir o que a igreja define como “agenda do diabo”. Agenda essa que, na visão da IURD, possui um ponto central: a ideologia de gênero.

Assim como no discurso de Bolsonaro, o conceito de ideologia de gênero é fundamental na narrativa política da Universal. A família é vista pela IURD como o principal núcleo social e nenhuma outra instituição tem precedência sobre ela. Temas de gênero e sexualidade são compreendidos pela igreja como assuntos concernentes somente às famílias e que não devem ser debatidos por instituições públicas. Para a Universal, cabe aos pais tratar tais temáticas com seus filhos da maneira que avaliam a mais correta. Diante disso, a IURD prega nas reportagens analisadas que a disseminação da ideologia de gênero é um ataque direto aos valores da família tradicional. Na perspectiva da igreja, a ideia central da ideologia de gênero é a de que não há uma separação natural entre sexos. Nesse sentido, a IURD afirma em sua narrativa que a ideologia de gênero nega a existência das principais criações de deus: o homem e a mulher; além de incentivar que homens e mulheres neguem seu sexo natural e passem a se identificar enquanto uma pessoa do sexo oposto. Fatores esses que estimulariam a homossexualidade, algo condenado pela instituição. A defesa da família tradicional é acompanhada da naturalização da divisão sexual do trabalho e da reafirmação do poder do homem enquanto chefe familiar⁸. Acima de tudo, a valorização da família é pautada por uma concepção privatista que afirma que uma estrutura familiar sólida faz com que os indivíduos não precisem de nenhuma forma de auxílio do Estado. Essa perspectiva é fundamentada na certeza de que a vida dentro de uma

⁸ A preocupação com a manutenção da família tradicional por parte da Universal levou a igreja a criar dispositivos de atuação que visam fortalecer as posições de gênero socialmente estabelecidas. É o caso dos projetos Godlywood e Intellimen (TEIXEIRA, 2014); (GUTIERREZ, 2017). O primeiro é voltado para mulheres, enquanto o segundo é voltado para homens. Os programas são facultativos para os membros da igreja e também estão disponíveis para pessoas que não frequentam a Universal. Os dois projetos compartilham as premissas de que a família é fundamental para a manutenção da estrutura social e de que existe uma diferença natural entre homens e mulheres que reflete na divisão do trabalho sexual dentro da família. O Godlywood e o Intellimen foram criados para reforçar essa divisão e introjetar em seus participantes uma performatividade de gênero fundamentada nos valores cristãos (TEIXEIRA, 2014).



família tradicional garante a formação de cidadãos ajustados aos modelos sociais e não dependentes de suporte das instituições de poder (LACERDA, 2019).

Em face disso, a ideologia de gênero é retratada como algo abominável dentro do discurso da Universal. Em diversas passagens das publicações analisadas, a IURD demonstrou sua oposição irrestrita e até o seu ódio aos propagadores dessa concepção. Contudo, diferentemente do discurso de Bolsonaro, esses atores não são vistos pela Universal apenas como inimigos políticos. Esses, assim como os indivíduos que aceitam essa forma de pensar, são descritos no discurso da igreja como agentes do diabo que têm como destino à condenação e o sofrimento por defenderem o pecado e atacarem os valores de Cristo. Para ilustrar essa narrativa, cabe apresentar o trecho de um artigo publicado no site da igreja no dia 18 de outubro e assinado por Sandra Lages, uma das principais lideranças femininas da Universal. Artigo esse que é intitulado ‘São dignos de morte os que tais coisas praticam’. A autora inicia com o questionamento:

Você deve estar vendo e ouvindo na sua escola, muitas coisas a respeito da ideologia de gênero, não é mesmo? No momento, todos estão falando sobre isso, todos estão curiosos em saber no que vai dar toda essa novidade lançada pelo diabo nas escolas, para confundir a mente de crianças e adolescentes. Sim, é isso mesmo: foi o diabo quem inventou essa “moda”, para roubar a sua alma; quer que você ache normal quando vê um menino com outro, ou uma menina com outra. [...] essa invenção de satanás levará aos que acreditarem nela a um grande sofrimento, carregarão muita frustração, culpa e sensação de sujeira, imundície em si mesmo. Pois é exatamente isso que o diabo quer causar na juventude com essas ideias contrárias a Deus. [...]. Portanto, fuja disso, não se deixe convencer que a ideologia de gênero é normal, pois não é, não deixe com que essa mentira faça parte da sua vida [...]. Em vez de se deixar levar pelo diabo, se deixe usar por Deus (LAGES, 2018, p. 1).

A passagem do texto de Sandra Lages evidencia a associação direta feita no discurso da igreja entre Satanás e a ideologia de gênero. Ademais, demonstra abertamente a visão da instituição de que a homossexualidade não pode ser naturalizada na sociedade. Seguir o caminho de Deus significa se manter afastado dessas pautas, que são características de grupos de esquerda progressistas. Outro ponto importante da passagem está na afirmação de que a ideologia de gênero é uma ação do diabo nas escolas para



confundir as crianças. Esse trecho aponta uma instituição central no discurso da IURD: a escola. Assim como fez Bolsonaro, a igreja propagou em suas publicações que as escolas estavam sendo transformadas em centros de doutrinação. Contudo, enquanto o político focou em acusar o sistema educacional brasileiro de transformar alunos em “militantes de esquerda”, a Universal afirmou que as escolas eram principalmente centros de propagação de ideologia de gênero. Nessa perspectiva, por meio dos governos de esquerda, o diabo estaria adentrando os sistemas educacionais para atingir crianças que, em sua inocência, estariam mais vulneráveis aos ideais da ideologia de gênero. A Universal afirma que é dever dos pais estarem atentos ao que é ensinado nas salas de aulas e questionarem as escolas caso identifiquem algum conteúdo sobre gênero nos materiais didáticos ou nas falas de professores. Não obstante o discurso religioso da igreja para condenar a ideologia de gênero, a justificativa apresentada nas reportagens analisadas para condenar as discussões de gênero nas escolas foi de caráter secular. Segundo a igreja, os debates sobre o assunto não seriam apropriados para o ambiente escolar devido à falta de maturidade de crianças e adolescentes para lidar com a complexidade do tema. As reportagens afirmaram repetidas vezes que discutir gênero nesses ambientes causaria apenas confusão nos estudantes. Em casos extremos, poderia resultar em “disforia de gênero”, nome dado para descrever o que a Universal define como “doença intelectual que leva pessoas a se identificarem com o sexo oposto”. Todas as matérias publicadas na Folha Universal sobre ideologia de gênero apresentaram esse fator como o principal motivo da oposição da igreja aos debates sobre o tema no ambiente escolar. Para reforçar o argumento, a maioria das matérias que trataram do assunto citaram casos empíricos ou falas de especialistas que confirmavam que seria prejudicial expor crianças e adolescentes ao tópico. Em matéria publicada no site da igreja no dia 25 de setembro e assinada pela redação, é possível ler o seguinte trecho:

Crianças pequenas não têm a capacidade de fazer escolhas sobre identidade sexual, assim como não têm a capacidade de dirigir um carro ou fazer a escolha de ir para a cama no horário”, afirmou o professor universitário e chefe da seção de psiquiatria infantil e adolescente da Universidade de Louisville Allan Josephson durante debate educacional aberto ao público realizado em Washington (EUA). De acordo com ele, “é o trabalho dos pais ajudar seus filhos a aprender essas coisas à medida que se desenvolvem. [...] Na Escócia, onde o debate sobre identidade de



gênero foi levado para dentro das salas de aula, também houve um aumento significativo de crianças confusas que necessitaram de acompanhamento médico, de acordo com relatório do Scottish Public Health Network (IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, 2018, p. 1).

Ao citar falas de especialistas na área de psiquiatria e estudos científicos conduzidos, a igreja abandona o apelo aos valores cristãos e utiliza preceitos científicos para justificar seu posicionamento. Essa estratégia foi interpretada como uma forma de prover maior legitimidade à posição política da instituição sobre o tema. Ao mobilizar a ciência como princípio base de sua forma de pensar nesse caso, a IURD busca repelir críticas e acusações de preconceito ou intolerância por parte de opositores seculares. Contudo, como foi dito, a Universal também mobilizou em suas publicações afirmações de que a ideologia de gênero tinha o objetivo de sexualizar crianças e estimular a homossexualidade. Mesmo que citados em menor frequência, esses fatores também foram apontados como justificativas centrais de oposição da igreja aos grupos de esquerda que visavam propagar os ideais de gênero na sociedade.

Apesar de enfatizar a centralidade das questões de gênero na ação da esquerda, a Universal reforçou que a ação diabólica desses grupos não estava restrita a esse tópico. Em seu discurso, a igreja definiu todas as pautas tradicionais da esquerda como crenças do diabo que visavam destruir a família e os valores cristãos. Também apontou que Satanás estava agindo por intermédio de tais grupos para calar aqueles que se recusavam a aceitar a inversão de valores promovida na sociedade. Essa censura seria exercida principalmente pelo politicamente correto, que, segundo as reportagens analisadas, impedia que as pessoas pudessem discordar da opinião dos grupos de esquerda e transformava qualquer fala ou posicionamento em algo ofensivo. A ideia de censura também foi utilizada para criticar a militância de grupos progressistas. Em editorial publicado na Folha Universal do dia 23 de setembro, o semanário acusou esses grupos de tentarem estabelecer no país uma “ditadura da ideologia de gênero” e convocou os cristãos a se unirem para combater a ação da esquerda no Brasil. A associação mais evidente da esquerda política a Satanás ocorreu em uma postagem feita por Núbia Siqueira, esposa do Bispo Domingos Siqueira e uma das principais lideranças da igreja. Em seu blog hospedado no site oficial da IURD, Siqueira



reforçou a ideia de que as ideias de esquerda eram frutos dos projetos do diabo e que seu principal objetivo era destruir a família e a moral cristã. Segundo a autora, concordar com as visões esquerdistas era sinônimo de marcar na pele o sinal do anticristo. Em seu texto, a religiosa afirma que:

[...] vivemos dias em que um verdadeiro cristão não consegue ficar imparcial diante da agenda do diabo neste mundo. Somos uma minoria, que continua a chamar de certo o que é certo, enquanto a maioria decide chamar o certo de errado, em vez de se corrigir. Mas, saiba que todos os acontecimentos do nosso tempo não são coincidências, muito menos surgiram do acaso. Eles foram cuidadosamente programados por uma mente perversa, que odeia a Deus. Satanás é o seu nome. [...] (Satanás) quer levar o maior número de pessoas consigo. Mas, para isso, precisa marcá-las. E se você pensa que essa marca é só um chip físico, está redondamente enganado. O diabo trabalha com ideias que são subversivas a Deus, que fazem oposição à Sua Vontade. Uma vez que Satanás consegue implantar no ser humano os seus pensamentos, fica mais fácil vir com a cartada final, que irá causar a sua condenação para sempre no inferno. Talvez, sem você se dar conta, já esteja entranhado na sua mente pensamentos satânicos, tais como: os homens são autoritários e as mulheres são vítimas deles; os chefes são dominadores e os trabalhadores pobres coitados; a polícia é opressora e a população é oprimida; os pais são tiranos e os filhos humilhados. [...]. Temos ainda o marxismo cultural, o feminismo e muitos outros conceitos anticristãos impregnados em nossa sociedade que tendem a remover os parâmetros de justiça, os valores espirituais, morais e familiares. É preciso que todos os cristãos saibam discernir bem esses disfarces malignos, pois para nos enganar, o mal vem sempre camuflado de bem. E se não estivermos atentos, estaremos alienados no que diz respeito à Vontade de Deus e cooperando, assim, com a agenda do (sic) anti-Cristo no nosso tempo (SIQUEIRA, 2018, p. 1).

O trecho do texto de Núbia Siqueira ilustra a diabolização da esquerda política como um todo dentro do discurso da Universal e aponta a necessidade do cristão de sair da imparcialidade para combater essas ideologias. Nesse contexto narrativo, sair da imparcialidade significa apoiar políticos que defendem os valores cristãos. Apoio esse que deve ser dado por meio do voto, definido no discurso da IURD como a principal forma de ação política do cidadão comum. O discurso da igreja afirma que, na medida em que cristãos ocupam cargos de decisão nas instituições públicas, voltam seus esforços para bloquear os avanços da esquerda. Dessa forma, a ausência de políticos vinculados ao



cristianismo nas principais posições do regime democrático também contribuiu para a expansão ideologias diabólicas. Em face disso, a igreja transmitiu em suas publicações a ideia de que pleito de 2018 era um momento chave para a moralidade no Brasil. De acordo com o discurso da instituição, em face da crise moral que o Brasil enfrentava naquele momento, era central que os cristãos se unissem para eleger candidatos que defendessem seus valores e estivessem dispostos a combater os avanços satânicos na sociedade. Esses políticos seriam soldados de Deus na guerra contra o diabo. Em suas mãos estariam o futuro do país, da família e, principalmente, das crianças, que foram constantemente descritas como o grupo mais ameaçado pelos resultados da eleição. Visão essa que foi evidenciada na edição da Folha Universal lançada no dia 30 de setembro, uma semana antes da data do primeiro turno do pleito. Nela, a matéria de capa foi intitulada “Por que o dia 7 de outubro será o dia das crianças”. A reportagem reforçou que as crianças estavam sofrendo risco de serem precocemente sexualizadas e de se tornarem indivíduos confusos em relação ao próprio sexo. Acrescentou, ainda, que a família brasileira estava sob ataque e que o voto era a principal forma de protegê-la. Na mesma edição, o semanário publicou um editorial de título “Cuidado: não vote contra a fé”. Nele, alertou os leitores da existência de candidatos favoráveis a ideologias não cristãs e reforçou a necessidade de eleger políticos que compartilhassem dos valores e dos ideais do cristianismo.

Todo esse discurso foi personificado no discurso da IURD pelos dois concorrentes ao cargo de chefe do executivo nacional no segundo turno. Isso ocorreu principalmente após o petista Fernando Haddad dar declarações acusando o bispo Edir Macedo de charlatanismo⁹. A partir desse momento, a igreja iniciou uma série de ataques a sua candidatura por meio de acusações pessoais, de críticas ao projeto político do ex-prefeito de São Paulo e da diabolização de sua imagem. Haddad e o PT foram descritos como os principais representantes de todos os ideais de esquerda que simbolizavam a “marca do anticristo”. Essa representação foi complementada pela narrativa de que Fernando Haddad

⁹ No dia 12 de outubro, feriado nacional da padroeira do Brasil, Haddad, ao ser perguntado sobre as acusações de Bolsonaro sobre sua associação com o chamado kit-gay, afirmou que o então candidato do PSL seria o “casamento do neoliberalismo desalmado do Paulo Guedes [...] com o fundamentalismo charlatão do Edir Macedo”. Tal fala foi feita após uma missa de celebração de uma missa em celebração ao feriado em uma igreja católica na zona sul de São Paulo.



era averso aos valores do cristianismo e que promovia perseguição aos evangélicos. Cabia aos cristãos, em face disso, assumir uma posição política e apoiar o único candidato envolvido no pleito que se mostrava alinhado aos valores: Jair Bolsonaro. Apesar de Bolsonaro ter sido pouco referenciado em reportagens destinadas a debater a moralidade pública, na maioria das vezes em que o então candidato foi mencionado ao longo do corpus sua figura foi relacionada a palavras como decência, moral e valores da família. Fatores que foram apontados como os verdadeiros desejos da população brasileira no que tange à moralidade pública. As postagens feitas pela igreja descreveram a população brasileira como defensora da família tradicional e dos bons costumes. O candidato do PSL seria o porta-voz dessa visão do povo. Dessa forma, votar em Bolsonaro significaria votar a favor da fé. Para reforçar essa ideia, a Universal retratou diversas vezes que as principais lideranças evangélicas do país já haviam declarado apoio ao capitão do exército e que rechaçavam abertamente a figura de Haddad.

Considerações Finais

A avaliação comparativa entre os discursos disseminados pelos dois atores ao longo do período de campanha mostra que ambos propagaram o pacote interpretativo do moralismo regulador para interpretar a questão da moralidade pública no país. Como foi abordado, ambos os discursos partiram da premissa de que o país enfrentava uma crise moral no momento das eleições de 2018. Também compartilharam que tal crise era uma consequência da ação de grupos progressistas de esquerda que agiam politicamente para atacar instituições sociais tradicionais como a família patriarcal e o casamento heterossexual. Ataque esse que, na visão desses atores, é perpetrado principalmente pela disseminação da ideologia de gênero. Nesse contexto, ambos ressaltaram a necessidade de difundir os valores cristãos na sociedade para combater a ideologia de gênero e para proteger a família e as crianças das investidas dos ideais que visam atacar os valores tradicionais. Por trás dessa narrativa, há um fator determinante que é compartilhado pela IURD e por Bolsonaro: a intolerância social. A base do pacote interpretativo do moralismo regulador é uma visão de mundo dualista que organiza a realidade por meio de categorias



estereotipadas e simplificadoras. Essa dualidade resulta em uma divisão entre bem e mal que é representada pela oposição entre o conservador cristão e o progressista de esquerda. Nesse contexto, o progressista não deve ser tolerado.

Não obstante, é na própria visão dualista do mundo que reside a principal diferença entre o moralismo regulador proposto por Bolsonaro e o moralismo regulador proposto pela IURD. No caso do capitão reformado do Exército, a visão dual entre o bem e o mal parte de um princípio político: a divisão entre esquerda e direita. Indivíduos de direita estão ao seu lado. Representam o bem, a honestidade e os valores tradicionais. Já os de esquerda são a representação de todo o mal que assola o país. Esses são os vagabundos, imorais e corruptos. Diante disso, a intolerância social mobilizada por Bolsonaro é expressa por meio da ideia de um combate político imanente. A Universal, por sua vez, tem como ponto de partida a premissa religiosa da batalha espiritual entre deus e o diabo. Essa guerra é materializada na política através da separação entre o político cristão, que representa o bem; e o político progressista de esquerda, que age para difundir a agenda do diabo. Nesse sentido, o verdadeiro alvo da intolerância da igreja é Satanás. A intolerância política em relação à esquerda e os grupos identitários é, sobretudo, uma intolerância ao diabo e àquilo que é visto como o seu projeto para o mundo.

Diante disso, apesar de defenderem o mesmo pacote interpretativo do moralismo regulador, a IURD e Bolsonaro o fizeram por meio de bases argumentativas distintas. Ainda que Bolsonaro tenha baseado seu moralismo conservador em preceitos cristãos, seu discurso sobre a crise moral do país apresentou um caráter majoritariamente político. Esse contexto argumentativo é demonstrado pelo fato de o político apontar fatores imanentes, como os governos do PT e a ação de grupos de esquerda, como as principais causas da crise moral no país. Por sua parte, a Universal defendeu em seu discurso que verdadeiro responsável pela crise moral seria o diabo. Segundo a igreja, é a ação dessa entidade no mundo que impulsiona o desejo dos grupos políticos progressistas de disseminar ideologias que vão de encontro aos princípios cristãos. Assim, mais do que lutando por uma agenda política imoral, como propõe Bolsonaro, a esquerda estaria lutando pela implementação da agenda do diabo.



A IURD também se destacou de Bolsonaro por apresentar um grande foco na ideologia de gênero. Para a igreja, ela representa a o principal tópico da agenda do diabo. O tema foi o foco de artigos no site, de reportagens secundárias, de uma matéria de capa na Folha Universal e até de um editorial do semanário. Essa mobilização frequente da narrativa sobre os perigos da ideologia de gênero mostrou o maior empenho da igreja em disseminar um pânico moral em torno do assunto. Outra diferença relevante entre os dois discursos no que tange à ideologia de gênero foram os modos como os dois agentes justificaram suas posições contrárias a essa visão. O então candidato do PSL focou na mobilização de valores e princípios morais como justificativa ao combate aos debates de gênero. Expressões como “inocência das crianças”, “decência” e “valores cristãos” foram as mais presentes em suas explicações sobre a necessidade de evitar a disseminação dos ideais de gênero. Entretanto, a justificativa de maior apelo foi a de que a ideologia de gênero promoveria a sexualização precoce de crianças e abriria espaços para práticas de pedofilia. Justificativa essa que foi sustentada pela referência ao caso do projeto Escola Sem-Homofobia e pela apresentação de “livros infantis sobre sexo” que seriam supostamente distribuídos nas escolas para crianças. Igualmente, igreja fez uso dessas justificativas em sua narrativa. Todavia, a Universal também apresentou justificativas ditas científicas para sua posição contrária aos debates de gênero. Por meio da citação de estudos e de falas de especialistas em áreas como psicologia e psiquiatria, a instituição tentou legitimar seu discurso por meio de visões seculares.

Acima de tudo, a dualidade entre bem e mal que compõe a base do pacote interpretativo do moralismo regulador de ambos os atores representa uma moralização da política, a qual contribui para a destruição do senso de coletividade e o conseqüente esvaziamento da política. Dessa forma, cabe questionar de que outras formas a Universal e Bolsonaro inserem dualismos éticos em seus discursos políticos, assim como a maneira como tal inserção contribui para a popularização de posicionamentos radicais. Ademais, é essencial manter as investigações sobre as ações políticas da IURD, assim como de todo campo evangélico, e sobre suas narrativas em relação aos problemas públicos. Esse esforço deve levar em conta tanto momentos eleitorais quanto não eleitorais. Nesse aspecto, a Folha Universal e o site oficial da Igreja são veículos importantes. Igualmente, é fundamental



manter pesquisas sobre a aliança entre a IURD e Bolsonaro. Tais investigações devem levar em conta a conjuntura política nacional, os posicionamentos de Jair Bolsonaro e a medida em que eles dialogam com valores religiosos defendidos pela Universal.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. *A onda quebrada- evangélicos e conservadorismo*. Cadernos pagu, n. 3: 104-129. 2017.

_____. *Deus acima de todos*. In: S. H. Abranches et al. *Democracia em risco*. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

_____. *Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira*. Novos estudos CEBRAP, 38, 185-213. 2019b

ALONSO, Angela. *A comunidade moral bolsonarista*. In: S. H. Abranches et al. *Democracia em risco*. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições, v. 70, 1979.

BOLSONARO, Jair. Haddad diz que sou responsável pela campanha mais suja da história. Acesso em: https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1055814639957803010?ref_src=twsrc%5Etfw&mobile&width=320>. 2018

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. June 2013, *five years later: Polarization, reconfiguration of activism, and challenges for the Brazilian Left*. In: PUZONE, Vladirmir; MIGUEL, Luís Felipe. *The Brazilian left in the 21st century: conflict and conciliation in peripheral capitalism*. 2019.

CORRÊA, Diogo Silva. *O divino no humano e o humano no divino: esboço de uma cosmologia cristã-pentecostal*. *Religião & Sociedade*, v. 40, n. 2, p. 147-170. 2020.

DIAS, Marcia. *Diálogo em campanha: uma análise das estratégias comunicativas de confronto na eleição presidencial brasileira de 2014*. *Opin. Publica* vol.25 no.3 Campinas Nov./Dec. 2019.

ENTMAN, Robert M. *Framing: Toward clarification of a fractured paradigm*. *Journal of communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: Da constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado. Unicamp. 1993



GAMSON, William A.; LASCH, Kathryn E. *The political culture of social welfare policy*. 1981.

GAMSON, William; MODIGLIANI, Andre. *Media discourse as a symbolic contest: A constructionist approach*. *American journal of sociology*, v. 95, n. 1, p. 1-37. 1989.

GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas. *A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese, IFCH, Unicamp. 2017.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Identidade de gênero: respeito sim, doutrinação nas escolas não. Acesso em: <https://www.universal.org/noticias/post/identidade-de-genero-respeito-sim-doutrinacao-nas-escolas-nao/>. 2018.

LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Editora Zouk. 2019

LAGES, Sandra. São dignos de morte os que tais coisas praticam. Igreja Universal do Reino de Deus. Acesso em: <https://www.universal.org/para-as-adolescentes/post/sao-dignos-de-morte-os-que-tais-coisas-praticam/>>. 2018.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

_____, *Pentecostais e política no Brasil: do apolitismo ao ativismo corporativista*. In: SANTOS, Hermílio (org.). *Debates pertinentes: para entender a sociedade contemporânea*. Volume I. Porto Alegre: EdiPUCRS. 2009.

NASCIMENTO, Gilberto. *O reino. A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

PAULA, Tiago Franco de. *Deus acima de tudo: a atuação política da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições presidenciais de 2018*. 2021.

REINA, Morgane. *La dimension religieuse des élections de 2018 et l'obscurantisme chrétien de Bolsonaro*. IdeAs. 2019.

ROMANCINI, Richard. *Do "Kit Gay" ao "Monitor da Doutrinação": a reação conservadora no Brasil*. *Contracampo*, v. 37, n. 2, p. 87-108, 2018.

ROTHBERG, Danilo; DIAS, Mariane Bovoloni. *Religião, política e eleições na Folha Universal*. *Intexto*, n. 27, p. 21-39. 2012.



SANT'ANNA, Francisco Cláudio Corrêa Meyer. *Media de Source: un nouvel acteur sur la scene journalistique bresilienne*. Tese de Doutorado. Rennes 1. 2008

SANTOS, F., & TANSCHKEIT, T. *Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil*. Colômbia Internacional, (99), 151-186. 2019.

SIQUEIRA, Núbia. A marca do anti-Cristo. Igreja Universal do Reino de Deus. Acesso em <<https://www.universal.org/nubia-siqueira/post/a-marca-do-anticristo/>>. 2018.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood*. Religião & Sociedade, v. 34, p. 232-256, 2014.